

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO
DEDICADO PELA SOCIEDADE A CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 15200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 18500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

NUMERO 72

2.º ANNO

PUBLICA-SE AS QUARTAS FEIRAS

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.
Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes, as quaes serão pagas adiantadas.
Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.
Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possivel brevidade. O atraso em que muitos cstam tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

BRAGA 50 DE JULHO DE 1872

Catholicismo e a politica.

É hoje o mundo espectador indifferente e impassivel d'um successo iniquo e prejudicial tanto para as sociedades em geral, como para os individuos em particular por causa dos terriveis e ruinosos effeitos, que breve talvez hade na Europa promover. Contra a iniquidade d'este successo, em que foram cúmplices todos os governos, porque fillos ou seguidores dos principios erroneos e subversivos, que produziram 89 e 93 no seculo passado e 70 no seculo presente, deviam protestar todos os catholicos e principalmente o romano pontifice em nome não só d'estes, mas de toda a sociedade como representante do divino Legislador do Calvario, que por todos os homens soffreu o supplicio turbarante da Cruz. E a muitos desculpa d'este indifferente e impassibilidade, por todas as razões condemnavel, o erroneo e prejudicial principio seguido por muitos catholicos impensantes de que a religião não tem politica.

Diz-nos porém a historia na sua imparcialidade em contestação do supramencionado falso principio, que, quando na idade media os povos eram feudo dos poderosos, e não escravos submissos e desprezíveis como hoje em dia, foi o Catholicismo, quem, na pessoa dos romanos pontifices, por uma tam sabia quam prudente maneira, os libertou d'um dominio então pezado mas suave comparado com o actual apesar de baseado na liberdade, mas que é tal, que nada respeita por mais racional e justo que seja.

Assim a suppressão das ordens religiosas, que se está executando na maior parte dos reinos da Europa e a iniqua invasão dos Estados Pontificios, ainda ha pouco perpetrada tam injusta quam irracional e imprudentemente, politicamente fallando, vam

ser o motor acelerado e terrivel d'um cataclismo tam extraordinario, como egual não tenha, quicá, succedido ainda no mundo; porque ou a lucta odienta e feroz da demagogia materialista e impia forte com os exemplos d'iniquidade dos governos se hade contra estes tornar tam potente e activa, que os derrube e aniquille a todos successivamente e conforme se forem consituindo; e n'este caso, temos a anarquia com todas as suas horrosas e nefandas consequencias, ou os governos oppressores, porque não respeitando a lei moral, menos respeitão a civil, reputando sua a propriedade particular e crendo os homens obstaculos aos seus nefandos fins os irão aniquillando por todos os modos, e n'este caso temos uma tyrannia e um despotismo feroz horrendo e destruidor.

Em vista d'isto ninguém de certo negará convicção não só a excellencia e sublimidade do Catholicismo, senão tambem a sua necessidade e importancia para os povos e para os governos, d'onde concluímos, que o Catholicismo e consequentemente a religião não só tem politica, senão que, se a não tivesse, a devia ter para bem da humanidade, e que o poder temporal dos romanos pontifices é necessario e indispensavel tanto para a prosperidade, progresso e bem-estar dos povos, quanto para a consolidação, harmonia e legalidade dos governos.

O erro e seus effeitos.

Movê-se hoje crua e exterminadora guerra contra tudo o que é bom porque fez a nossa gloria nos tempos passados, com o estulto e prejudicial intento de divinizar o vicio e o crime na sciencia e na razão. Os sectarios d'esta ideia impia e antisocial, filha do materialismo estúpido e anti-racional, ligados em estreita aliança, apesar de mutuamente se detestarem invejosos e egoistas, deturpam a historia infames e vis com asseverações tam torpes e ineptas, quam difficéis de provar, caluniam os caracteres mais respeitaveis com revoltante e asqueroso cynismo, e abjectos e despreziveis escravos do ouro, de que tem insaciavel fome para darem pasto a seus vicios hediondos e ferinos, fazem ignobil mercancia do talento prostituindo-o, como devassos que sam, em diffundir e advogar ideias, que lhes ham-de ser e a seus infelizes descendentes causa de morte inevitavel.

Convictos do erro, que creem verdade, porque se não votam, como indolentes que sam, ao improbo trabalho de adquirir a

certeza da maldade ou bondade d'uma ideia no estudo simultaneo dos bons livros, que tractem, e reputando-se, na sua ignorancia orgulhosa e insipida, mestres consummados e philosophos profundos diffundem por toda a parte as suas perniciosas doutrinas baseadas em longos sophismas, que os incautos consomem como boa moeda de lei, que os reputam.

Assim educados vam os homens formando mais egoista e viciosa ainda a geração por vir, porque os maus exemplos dos paes refletem nos fillos com extraordinario poder, apesar de todas e das mais energicas admoestações em contrario.

Esta verdade comprova-a conclulentemente a quotidiana e domestica experiencia tanto no sumptuoso palacio, como na mais humilde cabana.

Neste regime de lesa sociedade sam cumplices os governos modernos, porque desprezando, senão odiando, o passado, destruíram quanto era bom para reconstruírem, no seu parecer, o optimo, que é o pessimo, porque baseado no erro e no mal.

As consequencias sam os factos prejudiciaes e calamitosos para a agricultura, para o commercio e para a industria, que tem succedido na maior parte da Europa e principalmente n'este nosso infeliz Portugal, que ha quarenta annos tem sido reputado conquista por muitos de seus fillos.

Secas estas tres fontes da publica prosperidade, que é o esteio mais seguro da ordem social, vai com gigantescos passos caminhando em progressivo augmento a miseria que, inimiga ligada da virtude, faz com que o povo, porque viu e vê a rebelião dos grandes e poderosos, abraça e accete todas as doutrinas deletereas e aniquilladoras de toda a ordem, a qual é indispensavel para a vitalidade dos estados, e que as põha a final em execução.

Os seus effeitos do erro, que em tudo é ruinoso, mas principalmente em politica, porque a faz correr, desviada e furiosa.

Os politicos d'este seculo, loucos pelo orgulho, desprezam a historia, que é mestra imparcial, e que na revolução franceza repleta, como diz Lamartine, de sangue e de lagrimas, mas cheia d'ensino para os povos, lhes ministra instrucção clara e abundantemente, e os seus erros, que não espanta ninguém, porque *quos Deus null perdere prius dementat*.

A Igreja e o estado.

O chanceller principe de Bismark, por

que venceu a França e viu que lhe entregou um imperador a sua espada, cre, que pôde tambem vencer a Igreja e obrigar o pontifice a entregar-lhe as chaves de S. Pedro. Breve porém este poderoso ministro conhecerá, como todos os demais perseguidores que lo antecederam, por experiencia propria, que todo aquelle que toca na pedra da Igreja, nella se despedaça, como fragil argilla. A perseguição, que já principiou ha mezes, tomou agora um caracter serio e gravissimo, porque o governo publicou um decreto de proscricção contra os tam pobres quam calunniados jesuitas, que só trabalham em beneficiar a sociedade com os seus profundos conhecimentos scientificos adquiridos na paciencia e na humillidade. Além d'isto foi suspenso das suas funcções o capellão-mór do exercito e prohibidos de lhe obedecerem todos os esmoleres catholicos; o bispo d'Ermeland vai ser privado do seu temporal, e o clero de segunda classe é por todos os modos instigado a pronunciar-se contra o dogma da infallibilidade pontificia. O principe de Bismark, porém encontra em todos e em toda a parte uma inflexivel resistencia ás suas ordens cesareanas, como demonstra a seguinte carta, que extraimos de *la Semaine illustrée*, e que a um dos seus agentes foi dirigida por um esmolere militar.

O abaixo assignado só conhece uma Igreja Catholica, a qual rene a uma velhice veneravel de, quasi, dous mil annos o vigor da juventude e que se hade mostrar tambem no futuro como a columna e o alicerce da verdade apesar de todas as perseguições que lhe foram feitas.

O que o abaixo assignado aprendeu na sua infancia dos labios de sua piedosa mãe foi = Creio em uma Santa Igreja Catholica = que é o que, como padre catholico repete diariamente no altar = *Confiteor unam sanctam catholicam et apostolicam Ecclesiam*; e é isto o que elle proprio, ha mais de vinte annos, tem ensinado com credibilidade e convicção aos fideis, e por isso não quer por nada d'este mundo renegar a sua fé aos quarenta e cinco annos.

O abaixo assignado professa com Santo Ambrozio de Milão = *Ubi Petrus, ibi Ecclesia*, = e vê-se na impossibilidade de reconhecer o caracter de universal a uma Igreja diferente da que reconhece o successor de S. Pedro por seu chefe, e a Igreja romana por mãe e senhora de todas as igrejas. Não existe outra *tenencia de creença* na Igreja catholica e nunca existirá, visto que uma tal opinião, que não pôde ser senão uma revolta contra a auctoridade di-

vina e ecclesiastica, se julga a si propria da ordem da vida, que é a Igreja.

Eis a minha declaração, que pôde servir tambem como uma profissão de fé. Quanto ás medidas do ministerio real da guerra, que não pertendo criticar, o futuro provará se ellas tem ou não servido para fortificar o espirito d'obediencia, a disciplina militar dos soldados, que sempre mostraram pela maneira mais heroica sua dedicação ao rei e á patria.

O capellão catholico da guarnição de Kœnig, arcepreste.

Tão singular e apreciavel nos pareceu a aventura que encontrámos no *Univers* de 16 de julho, tão significativa a commoção que produziu em Versailles, e tão notaveis e justas as reflexões que provocou ao proprio excellente jornal, auctor d'ella, que, de certo, nos agradecerão nossos leitores a inserção d'ella nas columnas do nosso semanario.

Eis-aqui, pois, o que se lê no citado *Univers* de 16 do corrente:

Acaba de acontecer uma singular aventura a um dos nossos collegas, o excellent *Journal de Seine et Oise*. Pensando que o interesse geral e o sentimento desinteressado da justiça não fallavam bastante alto na alma dos francezes dos nossos dias, este jornal engenhou coñtar, debaixo de forma allegorica, a serie dos attentados de que Pio IX é victima. Suppoz, portanto, que um pobre velho desappareado de seus bens, estava conservado em carcere privado por um intruso de boa familia, que gosa, em seu logar, d'uma situação que occupa sem direito, por um roubo manifesto, e que conserva por uma audacia, que agrava a sua criminosa rapina. Já se vê, o *Journal de Seine et Oise* teve o cuidado de designar por iniciaes discretas a victima (Pio IX) e o ladrão (Victor Manuel). O negocio tornava-se assim uma questao que se poderia chamar de direito civil, e o jornal empurava a justiça para fazer o seu dever e pôr termo a esta odiosa usurpação.

Com a leitura d'este artigo, em que nada perceberam, os magistrados do tribunal de Versailles commoveram-se. Sem adivinhar a allegoria, imaginaram que os actos denunciados pelo *Journal de Seine et Oise* se tinham realmente passado na sua jurisdição, e, fazendo chamar o jornalista, intimaram-no para declarar os nomes de que se tinha restringido a publicar as iniciaes,

da patria, aonde os vicios mais hediondos vivem á luz do sol, onde a liberdade do homem, a magestade dos principes e as virtudes da familia se convertem em trez mentiras, ha ali uma nação que vai morrer.

O vicio perde as sociedades, a virtude salva-as. Porque foram os spartanos mais felizes? Porque eram mais virtuosos. Porque chegaram os gregos e os romanos a um tão grande grão de poder e gloria? Porque amavam praticavam e protegiam a virtude. O luxo, a molleza e a injustiça são contagios taes, que fizeram cahir os imperios, assyrio, persa, medo, grego e romano. Cicero escrevendo a Atico, lhe inculca a virtude como fonte principal e verdadeira origem de toda a felicidade, considerando como a republica romana de pequena e limitada chegara a tanta grandeza. Sócrates desenganando Alcibiades lhe dizia: para a grandeza d'uma cidade não vale, nem a fortaleza e altura dos muros, nem o apparato das nãos, nem a opporrtunidade e riqueza dos arcazes, nem a multidão do povo, nem a grandeza do senhorio, sem o verdadeiro esendo da virtude. Platão para guarda d'aquella cidade que queria tornar felicissima, collocou sobre todos os meios, as quatro virtudes principaes, que são: — a prevista prudencia, a intrepida fortaleza, a medida temperança, e sobre tudo a igual justiça; pois como diz S. Agostinho, se falta a justiça os reinos não são outra coisa mais que uns solemnes e gloriosos latrocínios.

É a virtude a que concorre para a felicidade publica, e não a salubridade do clima, nem a benignidade das estações; a mestra da vida nos mostra um unico Tito mais prospero a Roma, que as mais rissonhas primaveras, e um só Nero mais funesto, que as mais furiosas tempestades. Os prazeres sensuaes produzem a idolatria; como disse Marco Tulio Cicero no livro da velhice. Assim aconteeu a Salomão, que sendo rigoroso observador da lei de Deus, logo que se entregou ao luxo e impudencia, cahiu na idolatria, e a capital de França, a moderna Babylonia, chegou a fazer d'uma prostituta uma divindade. Os prazeres sensuaes nasceram para despojar os imperios, e destruir as monarchias, diga-o Babylonia, Memphis e Roma.

Vemos, pois, nossos usos e costumes destruidos, nossas crencas prostergadas, e as devoções mais sublimes calcadas aos pés, com tudo tenhamos uma firme esperanza que o Deus d'Alfonso se compadecerá de nossa miseria, e dissipará esse denso nevoeiro, que em torno de nós volteia.

Não se pôde dominar um povo, que pelega pela sua religião, pela sua patria e pelo seu rei. Podem-se derrubar muralhas de bronze, portas de ferro, mas não se podem derrubar as muralhas que fazem as almas: ahi se despedaça tudo.

Muito mais podia dizer, mas deixemos envolvidos no pó muitas outras verdades amargas, porque não estou por ora disposto a desenrolar o nauseabundo sudario, que

to é em que ninguém cuidava já de se occupar: a da legitimidade portugueza. Um jornal inglez, que gosa hoje de grande influencia, e que sobre o caso de que se tracta escreve, segundo sua propria confissão, *under the instruction of a Portuguese of high political eminence*, mostrou-se com effeito assustado pelo estado de gravidez em que, por grande felicidade nossa, se acha a angusta esposa d'el-rei D. Miguel, e denunciou ao partido pedrista portuguez esta circumstancia como um facto grave que deve de complicar d'um modo terrivel os negocios de Portugal, já não pouco embaraçados. O jornal inglez, ou antes o alto personagem politico que o faz fallar, extremamente sollicito pelo futuro da tranquillidade do paiz, vê já elevar-se em face da dynastia reinante uma nova dynastia que não tardará em lhe disputar a coroa e o throno, em nome do direito tradicional do paiz que aquella pertende representar. Esta perspectiva o aterra, e elle quer que o governo portuguez comece sem demora a preparar-se para poder resistir a todas as eventualidades que uma tal complicação pôde fazer nascer.

A primeira coisa de que é necessario curar, diz elle é tornar evidente a legitimidade de D. Maria; pois que ella, com ser tam incontestavel, não tem todavia sido ainda bem comprehendida, por ter sido sempre procurada onde não está. Com effeito tem

o New-castle journal,

nlicer se as condições prescriptas estão preenchidas, tambem o confirmou: logo o Senhor D. Miguel I foi rei de direito; e abolir em direito este principio fundamental n'elle e em seus fillos, e no povo portuguez, contestar a herança a elle e a seus fillos, e a independencia á nação, é attentar a um tempo contra os sagrados direitos dos monarchas e dos povos.

O Senhor D. Miguel I chamou ao throno pelo direito, declarado pela lei, e escolhido pelo povo, desembarcou em Lisboa no dia 28 de janeiro de 1828, vindo do exilio que os rebeldes lhe promoveram, e em 23 de maio de 1828 dirigiu uma proclamação á nação portugueza, dizendo: O bem do estado, a dignidade do throno, e a gloria da nação, unica ambição, que tem entrado no coração d'um principe verdadeiramente portuguez, me fizeram tomar a resolução de chamar á execução as primordias instituições da monarchia. Nada mais pertendo que o bem dos povos, e nada quero que não seja fundado no mais rigoroso principio de legitimidade.

Vendo a nação portugueza que o Senhor D. Miguel obrava como monarcha legitimo e heroico, decidiu, depois de bem ter consultado o texto e espirito das leis fundamentais, a questão da successão do Senhor D. João VI em 25 de junho de 1828, entregando-lhe o sepro como principe natural e residente; (condições das côrtes de Lamego de 1143) e por se ter verificado a accessão a imperio estrangeiro na pessoa

sob pena de ser elle mesmo perseguido por sua infame calumnia. O que se seguiu deixamos contal-o ao proprio Journal de Seine et-Oise, limitando-nos a chamar a attenção de todo o homem de bem sobre esta causa singular, que põe em tanta evidencia a vergonha e cobardia dos governos bastante enfileirados para não se atreverem a fazer vomitar o espoliador, quando este espoliador é uma testa coroadada.

«A nossa ultima chronica (diz o Journal de Seine et-Oise) poz em commoção a pacifica cidade de Versailles. O acto inqualificavel que nós apontámos á indignação publica accéitou uma reprobção unanime, e nós o esperamos. Muitas pessoas das mais respeitaveis vieram procurar-nos, pedindo-nos para lhes fazermos conhecer os nomes dos culpados, supplicando-nos que entregassemos seus nomes ao tribunal da consciencia publica. A propria justiça entrou no negocio, e a este respeito recebemos um convite para nos apresentarmos no gabinete do sr. commissario central».

«A magistratura de Versailles, lendo o nosso artigo, com legitima indignação protestou logo contra uma imputação que a furia no mais intimo de sua honra».

Muitos recusaram acreditar um facto de tal natureza, dizendo que era impossivel que semelhante infamia, acompanhada de tal negação de justiça tivesse podido ser impunemente commettido, á luz do dia, em nenhum povo civilizado».

«E, com effeito, não ha talvez povo tão aviltado, onde aquelles, que exercem no seu seio o sacerdocio da justiça, deixassem no recinto d'uma cidade completar-se semelhante iniquidade».

«E todavia nós mantemos os factos que allegamos em toda a sua rigorosa exactidão; mas, por infelicidade, não foi em Versailles que estes factos se passaram».

«O que não teria consentido, não digo a magistratura de Versailles, que nós sabemos todos ser tão nobremente fiel ao seu dever, mas o que não teria consentido mesmo uma magistratura degradada e desciida abaixo do nivel mais abjecto no dominio da moralidade, é precisamente o que aconteceu, na hora em que estamos fallando, e é tolerada pela suprema magistratura dos povos, em detrimento de outra victimo e em beneficio d'um ladrão coroadado».

«Não inventámos nada, apenas cahimos no defeito, se o é, d'atenuar muito a gravidade dos factos e designar-lhes outros actores e outro theatro».

«Julgamos não ter ainda dito bastante. Nós não dissemos que a scena se passava, não no estreito ambito d'uma cidade de provincia, mas na vasta scena da Europa, n'essa Rua Augusta do mundo».

«Não dissemos que o personagem espoliado era ecclesiastico, era Bispo, era Papa, e se chamava Pio IX».

«Não dissemos que as pessoas que confiaram seus interesses a este administrador fiel eram, não algumas pobres creadas, mas duzentos milhoes de catholicos, que vivem no universo inteiro, e que é a elles sómente que a casa pertence».

«Não dissemos que o espoliador era, não só fidalgo, mas Rei».

«Não dissemos que, transformando-se em creado este Rei não tinha sido, n'esta circumstancia, senão o carrasco da Revolução, e que tinha trabalhado por baxeza em beneficio d'outrem».

«Não dissemos que para comprar o direito de commetter estas infamias, tinha

dado em paga duas provincias,—os dinheiros de Judas,—entre as quaes entravam seu proprio berço e o patrimonio de que elle usava o nome».

«Não dissemos que a nobreza achatada, que se inclinava diante do real ladrão, não era a de Versailles que, graças a Deus, se respeita ainda, mas a aristocracia soberana de todos os governos da Europa, que, ha muito tempo, já se não respeita».

«Não dissemos que a justiça a cujo tribunal tinha sido com vezes levado o crime em questão, era a justiça, não de Versailles, que nada tem que ver com este negocio, mas a justiça suprema das nações, que ficou impassivel e fria diante d'esta enorme iniquidade, com vezes denunciada no seu tribunal».

«Eis aqui o que nós não dissemos, assim como outras cousas ainda que poderemos dizer, se nos agradar, a seu tempo».

«Ah! Senhores fidalgos e magistrados de Versailles, vós tendes razão de haverdes cuidado da vossa honra d'homens de justiça e d'antigo brasão, e prouvera a Deus que os primeiros reguladores das coisas humanas tivessem, como vós, cuidado da sua honra de principes».

«Desafio quem quer que seja, a assignalar, no ultimo artigo de nossa folha, um unico facto que,—mudando-se-lhes os nomes dos logares e dos personagens,—seja inexacto e não se tenha passado ao pleno sol da mais inexoravel publicidade».

Tivemos a magoa de estar em Roma no mez de setembro de 1810, quando os subalpinos vieram infestar o estado da Egeja com sua presença detestada. Assistimos á perpetração do crime, que teve lugar com escallada e arrombamento. Durante cinco horas a artilheria batia os muros e as portas da cidade santa, e quando as portas foram despedaçadas, e os muros derribados, vimos passar pela brecha o glorioso vencedor».

«O chefe venerado da Egreja Catholica foi expulso de sua habitação, e a esta hora ainda se acha confinado em um aposento de seu proprio palacio, cercado d'alguns servidores fieis, e presoneiro, que foi o que nós não dissemos; e insultado, que foi o que nós não dissemos; e ameaçado de morte, que foi o que nós não dissemos».

«E toda a raça governamental da Europa e do mundo veio saudar o gatu no a casa do roubado. Viram-se ate dezenove principes de sangue real chegar ao mesmo tempo ao recinto da cidade descoroadada para offerecer suas homenagens, debaixo das vistas da augusta victimo, ao seu angusto carcereiro. Viram-se alguns Estados deshonrarem-se pedindo semente de monarcha á raça bastarda d'atém-montes. Viram-se todos os governos enviar, um depois do outro, seus embaixadores a Roma, e, entre estes embaixadores, viu-se um, Francez, dirigir em nome do seu paiz seus cumprimentos ao usurpador sacrilego, felicitando-o de ser tão bem succedido, e de ter tão habilmente manobrado».

«E toda esta gente bebeu, comeu, dançou no Quirinal, na sala profanada em que o Espirito Santo tinha aberto e pousado suas azas sobre a cabeça veneravel de Pio IX no conclave de 1846!».

«Se julgámos dever cobrir estes factos immundos com o véo de uma allegoria, aliás infinitamente transparente, foi porque nos indignámos da attitudo de muitos em

presença d'estes mesmos factos, e desejámos fazel-os melhor sentir e comprehender».

«Pois que! Vós vistes successivamente consummarem-se todas estas covardias, e ficastes frios como se se não tratasse de vossos proprios negocios! Vistes Roma, os bens, não do Papa, mas da Egreja, os vossos bens, a vossa propriedade, o vosso lar paterno; vistes Roma, a patria do mundo inteiro, invadida, espoliada, manchada, e nada, sentistes! Vistes todos os ministerios da Santa Sé desaposados de suas moradas, os cardeaes da Santa Egreja romana expulsos, os archivos das congregações romanas desalojados, a Egreja espropriada, os palacios pontificios abertos com gazuas, os zuavos do Papa assassinados, todos os tribunaes saqueados, os hospitaes espoliados, os mosteiros violados e os religiosos expulsos, e nada dissetes!».

«Indignaes-vos porque se vos annuncia que se passou entre nós uma pequena iniquidade imaginaria, e não vos indignaes quando vedes que esta mesma indignidade multiplicada, se passa, a esta hora, debaixo dos vossos olhos, na capital do mundo christão!».

«Na vespera do dia em que publicámos o nosso artigo,—e foi isso o que nos deu a idea de o escrever,—recebemos a noticia official de que quarenta conventos de Roma estavam invadidos por ordem do governo piemontez, e que quatorze d'esses conventos tinham sido convertidos em quartéis, em armazens e até em reaes cavallariças! E todos estes conventos encerram compatriotas vossos, e alguns são mesmo regidos por superiores francezes! E a Europa assiste a este espectáculo, como se este espectáculo lhe não dicesse respeito!».

«Esperae ainda um pouco, gentes pacificas e socegadas, que se vós deixaes tão pacientemente fazer tudo, vereis acolá brevemente barris de polvora debaixo da cupula de S. Pedro, e Pio IX apunhalado, e os petrolistas em caminho de fazer um montão de cinzas no sitio onde existe o Vaticano».

«Desejaes que, na moral da minha fabula, eu vos passe uma certidão de probidade? eu a passo de tanto melhor vontade quanto que nenhuma justiça se oppõe a isso; confesso que a sociedade de Versailles é irreprehensivel e digna, que a magistratura desempenha corajosa e fielmente a sua missão; mas certifico com pesar que, ainda entre os bons, o horror dos attentados sacrilegos de que Roma tem sido testemunha e de que a Egreja catholica é victimo, este horror não é nem bastante profanado, nem bastante universal, nem manifestado como conviria que fosse por almas honestas e corações christão».

«Desejo que estas paginas façam comprehender melhor aos leitores a profundidade d'estas modernas infamias, e se me dispensae ainda de pôr um nome debaixo da mascara real a que faço muitas vezes allusão n'estas linhas, é porque a narração d'estes actos torna a sua triste personalidade sufficientemente notoria, e tambem porque ha certas individualidades, mesmo de principes, cahidas tão baixo que se experimenta ao nomeal-as não sei que repugnancia, fundada em não sei que sentimento de pudor».

«Ouço d'aqui muitos individuos que a leitura do nosso primeiro artigo tinha assombrado, exclamar: Ah! Não se trata senão da Egreja e do Papa! E respirarem

mais livremente como alliviados d'um grande peso».

«Mas tomem sentido. A Egreja e o Papa são o fecho da abobada do edificio; quem deixa arrancar este fecho da abobada condemna-se elle proprio a perecer».

«Disseram nos que este insulto hypothetico dirigido á magistratura de Versailles podia trazer-nos uma questão desagradavel com o tribunal. Consideramos os representantes da lei muito intelligentes para supormos que se tenham podido enganar a respeito d'uma allegoria tão transparente. Mas confessamos que teriamos tido um verdadeiro prazer se nos vissemos por semelhante causa perseguidos e condemnados; sim, dizemol-o sinceramente, se achassemos um tribunal que nos condemnasse por termos imputado calunniosamente a uma magistratura respeitavel o mesmo acto que a esta hora se commette em Roma, diante da grande publicidade do universo inteiro, teriamos com isso uma verdadeira satisfação. Para alcançar um julgamento semelhante, dizendo ao mundo que não ha para um homem de bem ultraje mais atroz do que o de se ouvir accusar de ter feito o que fazem, n'esta propria hora, os espoliadores do Papa e seus cumplices, para ter, dizemos nós, o prazer de fazer cahir semelhante condemnação sobre essa gente, na verdade, um mez de prisão por nossa parte, e quinhentos francos de multa, não era caro».

De um folheto intitulado 24 de julho, que se publicou n'esse dia, pelo auctor da Lanterna, extrahimos os seguintes periodos a respeito do festejado dia:

«Triste festa! Criminoso jubilo! Sacrilego regosio!».

«E o folgar dos energumenos sobre as campas dos seus irmãos! E o festim dos hottentotes em volta dos cadaveres dos seus inimigos, que vão devorar selvaticamente! E o tripudiar desvairado dos insensatos, que se dizem homens, e que folgam criminosamente sobre as cinzas mal frias dos martyres dos dois partidos realistas, que disputavam a coroa, em nome do absolutismo fanatico, ou em nome da liberdade mentida!».

«Que representa esta data—24 de julho de 1833?».

Representa a recordação de uma infamia abominavel! Representa a lembrança de um fraticida horripilante! Representa a pagina mais negra das luctas cruentas da liberdade!».

«Eis o dia 24 de julho!».

«E é esta data que se memora!».

«E é esta recordação de tantos crimes que se festeja!».

«E é d'este anniversario de lucto, que se quer fazer um dia de gala nacional!».

«Infeliz idea! Fatal empreendimento! Sacrilega especulação!».

«Adversarios de todas as realezas, combatemos a que triumphou e a que foi vencida nas luctas fraticidas de 1828 a 1833! O nosso sentimento democratico leva-nos naturalmente a sympathisar mais com a causa encarnada na epopea da Terceira e do Porto, do que com a politica sanguinaria que desacreditou e perdeu o governo de D. Miguel! Não obstante ericam-se-nos os cabelos, tremem-nos as carnes,

desyaira-se-nos a razão ao commemorar as atrocidades, as infamias, os sacrilegios que se praticaram em Lisboa no dia 24 de julho de 1833 e immediatos!».

«Era uma represalia justa, dizem!».

«Foi a negação da liberdade, dizemos nós!».

«Que ao menos se conseguisse sasonamento de um facto benefico da arvore da liberdade!».

«Que oavorismo se contentasse com a expolição sacrilega da patria, e não resolve-se nos cimiterios, em busca do pomo da discordia!».

«Que não fizesse reviver odios, commemorando em festas insensatas, matquerenças d'irmãos, odios de familia, resentimentos profundos de feridas que ainda sangram no coração da patria!».

«Mas a especulação partidaria dos sectarios da monarchia constitucional carece d'este crime, por conveniencia dos seus interesses mesquinhos!».

«O duque de Loulé, perdido no conceito do povo, phantasma sinistro que assusta a realeza, entendeu conveniente á sua politica miseravel levantar dos seus covaes os cadaveres das victimas de 24 de julho, e provocar com elles os odios fundos que separem na familia portugueza os miguelistas dos liberaes, os sectarios do fanatismo dos sectarios da especulação, os vencidos dos vencedores!».

«E isto é um crime immenso, colossal, hediondo, que repugna aos que deveras amam a liberdade e prejudica consideravelmente a nação!».

«Que o povo, es-o, não applaudirá de certo a recordação ostentosa do dia 24 de julho!».

«Não, que o povo é bom, e justo, e humano; e sabe que a recordação d'esse dia é a recordação do crime, da traição, da mais recalcitrada perversidade!».

«O povo saula com enthusiasmo o vulto gigante do duque da Terceira e dos seus valentes companheiros; como sauda os vultos gigantescos de todos os heroes da immensa epopea que se abriu nos Açores e se fechou em Evora Monte! Mas o povo admira tambem o sacrificio heroico dos que pereceram e capitularam no campo adverso!».

«De um lado e do outro, a valentia, o arrojo, a coragem, e a dedicação, attestaram que em ambos os campos batalhavam portuguezes!».

«Por isso o povo em vez de uma recordação festiva vê um dia de lucto, no 24 de julho!».

«O povo não entoa Te-Deum n'este dia, canta o De profundis, e resa recolhido e triste a missa dos finados!».

Amigos redactores

Revolvendo ha poucos dias um maço de papeis e jornaes antigos que possuo, tive a fortuna d'encontrar alli alguns escriptos e artigos que me despertaram a attenção. São, a maior parte d'elles, documento importante que muito podem concorrer para abrihantar os festejos liberaes de 8. 9. 24 de julho ou d'outra qualquer data gloriosa nos arraiaes contrarios. Digo arraiaes con-

de seu irmão primogenito o Senhor D. Pedro: (condições tambem das côrtes de Lisboa de 641)

Porém triumphando a revolução em França e Hespanha desembarca a 8 de julho de 1832 o Senhor D. Pedro com sete mil e quinhentos revolucionarios de varias nações na praia dos ladroes, que fica na freguezia de S. Salvador de Lavra perto do Mindello, faz guerra ás tropas do Senhor D. Miguel, a quem trez nações estrangeiras França, Hespanha e Inglaterra, obrigam a depor o sceptro, estipulando-se a 26 de maio de 1834 na Convenção d'Evora-Monte uma pensão annual de sessenta contos de reis ao Senhor D. Miguel, condição que até hoje se não cumpriu.

Lá foi o desventurado rei, sulcando salitrosas aguas caminho do exilio, sem poder, sem bens, sem patria, levando consigo a pobreza e as creanças em que permaneceu fiel! Cá ficaram valentes guerreiros, fieis vassallos chorando a sorte do seu amado chefe.

Assim foram quebrados nossos privilegios e immundades, tantas vezes, e tão solemnemente jurados, por D. Affonso I subindo ao trono, por D. Affonso III abandonando os seus estados para os manter, por D. João I fazendo vigorar a realeza, e por D. João IV restaurando a monarchia.

De qualquer modo que se combinem as doutrinas do seculo com as antigas instituições da monarchia, não se pôde de modo algum segurar nos tempos vindouros ao

SEGUNDA PARTE

QUESTAO PORTUGUEZA

PELO

Sr. Gama de Castro

Traduzia da francez em que foi publicada pelo auctor nos n. 112, 113, 114, e 115 da «Union», jornal de Paris.

Paris 20 d'abril.

Sr. redactor.

Vós que melhor que ninguém conheceis a extrema repugnancia que eu tenho em me envolver em discussões politicas, tambem melhor que ninguém podeis comprehender que força foi preciso fazer-me ja mim mesmo para vos vir pedir a permissão de tratar nas columnas do vosso jornal uma grave questão de direito publico europeu, cuja discussão me é imposta por circumstancias independentes da minha vontade que acabam de se produzir.

Ha necessidades a que um homem se não pôde subtrair, e este é precisamente o caso em que me acho.

A imprensa ingleza, não se sabe bem com que intenções, acaba de suscitar uma questão que eu julgava exhausta desde mui-

encobre tantas pustulas malignas e cancos horripilantes, que fazem ericar os cabelos.

encobre tantas pustulas malignas e cancos horripilantes, que fazem ericar os cabelos. encobre tantas pustulas malignas e cancos horripilantes, que fazem ericar os cabelos. encobre tantas pustulas malignas e cancos horripilantes, que fazem ericar os cabelos.

FIM

reino dos Sanchos e dos Affonsos aquellas vantagens incalculaveis, aquelle esplendor de fortuna e de gloria a que chegou quando uma nobreza illustre, ajudada por um clero veneravel e fiel, marchava na frente de seus povos invenciveis. Certamente a gloria dos seculos vindouros não fará que seus filhos apaguem a magnificencia, que confessa Bori-Saint-Vicent: «Que heroes tem produzido todas as classes da sua população? A Europa, a Asia, a Africa e a America tem ressoado com o estampido de suas facanhas; as mais bellas descobertas dos primeiros tempos lhe são devidas; em fim o poder da casa d'Austria, e ainda o de Napoleão, no tempo em que a victoria o não tinha abandonado, não pôde sujeitar uma nação generosa, abrazada pelo espirito publico e zelosa de sua independencia».

A nossa historia contem paginas brilhantes, como talvez nenhuma outra nação. Em sete seculos de existencia politica Portugal elevou-se ao mais alto gráo de gloria. Apesar d'alguns erros, houve unidade religiosa e politica, e os Portuguezes eram um povo de irmãos, unidos e fieis a seus monarchas; as leis eram mais simples, e executadas com mais prontidão, e a justiça melhor administrada; pois como diz Platão na sua republica.—A multiplicidade das leis é um signal tão seguro da degeneração da sociedade, como a multidão dos medicos do grande numero dos doentes.

trários porque hoje mais que nunca, estão separados os dois campos visto que ainda recentemente o principal órgão d'elles (o Journal do Commercio) declarou que o odio que elles nos tinham era inextinguivel! Isto já nós sabiamos por triste e dolorosa experiencia; mas não deixa de ser apreciavel esta franca declaração porque prova evidentemente os bellos feitos que depois de 38 annos de existencia nos dá a tão decantada arvore da liberdade d'elles.

E' triste recordar scenas que o pó e as lagrimas de tantos annos deveriam ter feito desaparecer; mas como os nossos odioses inimigos (isto é d'elles) se empenhou em revolver as carcomidas ossadas de nossos irmãos e atrair-nos com ellas ás faces, bom é que por nossa vez lhe mostremos que tambem cá ha alguma coisa. Ah! vai hoje um especimen que offerecemos aos nossos collegas do Bracarense e Correo do Ave. E' uma scena das muitas que tiveram logar na ilha Terceira e que vemos em um jornal que ha tempos se publicava na liberal cidade do Porto.

Depois de arrebada a acção de 4 de Outubro desceram os constituçoes ás frequezias das Fontainhas e casa da Ribeira, incendiaram na primeira 4 casas, e em ambas as frequezias saquearam e roubaram quantas encontravam, e a tirando a todas as pessoas, que avistavam, e se achavam em suas casas, mataram 17, no numero das quaes algumas mulheres, e o cura da casa da Ribeira, o padre José Fernandes. No dia seguinte entraram na Villa da Praia, onde roubaram as casas de todos os realistas.

No dia 16 de Janeiro de 1829, os constituçoes espingardearam no castello de S. João Baptista o tenente de milicias Joaquim Coelho da Rocha, um tambor do batalhão de artilheria d'Angra, e um miliciano. Neste mesmo dia sahiu da cidade o capitão Manoel Homem da Costa Noronha com um destacamento de caçadores 3 a procurar desertores, pelos campos, e apprehendendo 3, mandou-os espingardear, incontinenti no mesmo sitio, e cortando-lhes as orelhas as fez espetar nas pontas das baionetas dos soldados do seu commando. Mandou collocar os cadaveres n'um carro e entrou com este apparatus selvagem na cidade percorrendo as ruas e ameaçando com egual sorte aquellos que consternados derramavam lagrimas, parando á porta dos governadores, defronte do quartel de 5 de caçadores, para que se delectassem com aquella scena tão aprazivel.

Já antes d'este dia, de dolorosa recordação, haviam apprehendido na frequeza de S. Matheus 3 desertores, e conduzindo-os á porta do juiz de direito, alli mesmo os espingardearam, sem lhes permitirem os socorros da religião, o que egualmente praticaram com 2 de 3 que apprehenderam n'uma casa da dita frequeza, escapando o 3º aos immensos tiros de mosquetaria com que por longo espaço o perseguiram; porém não lhes escapou o dono da casa, a quem atrahindo metteram uma bala n'um braço que lho quebrou, e ainda que lhe pouparam a vida, com tudo não o isentaram de vir no mesmo carro com os cadaveres percorrer ás ruas da cidade e fazer ás estações á porta dos governadores, autoridades e batalhão de caçadores 3, que todos applaudiram grandemente este procedimento.

Além d'estes desertores foram apprehendidos alguns outros, dos quaes espingardearam 6 por diferentes vezes no Relvão, em frente de caçadores 5, e foram mortos, pelos campos, immensos paisanos, a quem atrahiam por divertimento.

A maior parte dos habitantes foram chibitados repetidas vezes e tão deshumanamente, que muitos morreram depois, não escapando as mulheres a estes mesmos castigos e ao das palmatoadas, nem se respeitando a qualidade e gradação das pessoas; pois que até chibitaram o filho primogenito do morgado João Baptista de Bettencourt, do mesmo nome, condecorado com o fôro de fidalgo cavalleiro e tenente de milicias.

Por hoje bastará. Temos por cá muito d'isto que iremos publicando conforme as circumstancias.

Braga, Todo vosso
28 de julho de 1872.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Um sujeito do concelho de Vianna do Castello recorrendo á protecção da Virgem Immaculada, invocando-a na sua devota Imagem collocada no Monumento do Sameiro, obteve a graça e beneficio que pertencia, e em satisfação do dever de gratidão offereceu para a veneração da mesma Senhora o donativo de nove mil reis, e no acto da entrega ainda deu mais a quantia de 3:750 rs. por estampas, e outros objectos que levou. Alem d'isto deixou a quantia de 500 rs. para pagar este communicado, que a administração do «Futuro» generosamente se prestou a publicar gratuitamente revertendo a quantia a favor do Monumento.

A commissão do Sameiro por este modo agradece cordalmente estes donativos; não podendo porém publicar o nome do

bemfeitor, que julgou conveniente occultar-se, porque a sua esmola foi effeito de devoção e gratidão para com sua celeste Bemfeitora.

O Secretario da Commissão

Padre Martinho Antonio Pereira da Silva.

SECÇÃO NOTICIOSA

Filhos do Sagrado Coração de Jesus. — No proximo domingo, ás 4 horas da tarde, terá logar na igreja do Collegio o exercicio e a pratica mensal aos filhos do Sagrado Coração de Jesus; e pela manhã ás 7 horas haverá na mesma igreja missa pela alma dos associados vivos e defunctos.

Desordem. — Na romaria de Santa Martha houve ante-hontem pancadaria brava, promovida pelo irrequieto espirito do espumante Baccho, cujos adoradores alli appareceram em grande numero.

Não houveram desgraças de vulto, mas ainda assim foram prezos tres individuos de Guimarães, que foram á noite, e quando já estavam senhores de si, postos em liberdade, e foi requisitada uma força de cavallaria, que a final foi incommodada só para... vêr a romaria.

Que seria??? — O commandante do regimento d'infanteria n.º 8 recebeu ha dias n'um telegramma ordem do general da divisão de ter o corpo prompto para marchar á primeira ordem com armas munições e bagagens.

Assaltou-nos a curiosidade, porque imaginamos logo, que teriamos em casa os prussianos a fazer das suas proezas, e saímos cuidadosos em busca da razão d'uma tal ordem, porém debalde corremos os sitios onde mais depressa se sabe tudo, porque infelizmente nec verba sobre a razão de tal medida podemos pescar.

Em razão d'isto, porque verdade verdadeira, somos mais curiosos, que a propria Eva, ficamos desesperados de nada saber, porque o queremos tambem contar aos nossos leitores.

Fiquem porém sabendo em compensação, que nós reputamos tudo isto jogo encoberto e superfluo do actual ministerio para distrahir o povo d'alguma nova farsinha liberal e economica d'elles.

Que medo! — Alguns sargentos, que pertencentes ao regimento n.º 8, estavam em Lisboa, tiveram ordem terminante de se apresentarem-se já, segundo consta, 7, que não estão contentes pelos fazerem andar em passo de dança sem proveito algum da patria e até do governo.

Isto indica ou muito medo ou muito cynismo nos economicos governantes do nosso tam prospero quam illustrado paiz.

A verdade do órgão official do governo hispanhol. — O correspondente da «Esperanza» assevera, que as forças de Hidalgo em numero de 700 homens perderam 230 na acção de Sans entre os quaes morreram quatro officiaes e um tenente coronel, emquanto que Saballs só com 360 homens só teve um ferido levemente.

O correspondente de Tarragona affirma, que no dia 22 entraram os carlistas em Tarrasa, com cuja guarnição sustentaram um fogo de tres horas de duração, perdendo esta dous capitães, do qual morreu um, e muitos feridos, e que do carcere de Barcelona fugiram 20 prezos, um dos quaes era o chefe carlista Mariano da Coloma.

El Tiempo diz, que a partida de Castells e Galceran em força de 700 homens, detivera o trem n.º 2 á entrada de Tarrasa, outra de 400 homens fizera descarrilhar os wagons do trem n.º 55, a dous kilometros de Monistrol, dirigindo-se depois para Olesa, onde se reuniu a Castells. O capitão de voluntarios, D. Jaime Javé, foi morto em Tarrasa.

El Pensamiento Español diz, que D. Francisco Valles fizera em Tortosa a sublevação na qual entrou Bon de Alcalá, e cujas forças estão perfectamente equipadas e armadas. Esta partida vai para o Priorato incorporada ás forças de Tarragona, e todos os dias d'alli saem bastantes homens, porque Tortosa já principiou a dar o seu contingente á sublevação carlista.

Estartús com 400 homens esteve no dia 23 em S. Privat acompanhado pelo visconde de Barral, que é francez, e no dia 26 entrou Huguet com 200 em Monseny.

Eis como estão socegadas as provincias e completamente pacificadas.

Nas columnas da Gaceta tudo está terminado e socegado, porém vêem os factos e dizem: A snr.ª Gaceta, que não tem vergonha alguma mente desbragada e vilmente, como qualquer colareja rabugenta e desafiorada. Tudo isto indica, que a sublevação continúa patente e activa auxiliada por todos os verdadeiros catholicos, e que, mui brevemente se hade estender a toda a Hispanha, que é o unico paiz do occidente da Europa, que não perdeu de todo o seu brio, nem a sua fé, e que conserva religiosamente as tradições gloriosas dos seus passados, cavalheirescos e heroicos monarchas e fidalgos.

Deus a proteja dando a victoria aos que defendendo o direito, a legitimidade e justiça combatem ao mesmo tempo em prol da religião e do Catholicismo, essencial da justiça, da virtude e do bem dos povos todos.

Economias liberaes. — O snr. visconde Soares Franco prometteu á commissão dos festejos que faria uma iluminação nos navios de guerra surtos no Tejo. Porém ao outro dia declarou s. ex.ª que a iluminação era impossivel, visto que umas 8:00 lanternas do arsenal tinham sido vendidas a 30 reis cada uma!!!

Doença grave. — Segundo o parecer do correspondente em Lisboa do nosso illustrado collega — a «Gazeta do Norte» — está gravemente enfermo o ministerio. Ainda os peritos lhe não diagnosticaram a molestia, crê-se porém que é uma phisica em primeiro grau, produzida pela falta do alimento substancial — a popularidade.

Oxalá, que se restabeleça breve para fortuna do paiz, que muito lhe deve pelo bem, que lhe tem promovido com as suas tam economicas quam sensatas leis tributarias.

Observação. — Entendendo de summa conveniencia a publicação da Questão Portugueza pelo sr. Gama de Castro tractada proficentemente ha annos em as columnas da Union periodico de Paris, dambl-a como conclusão do folhetim, que ultimamente se tem publicado.

Bom resposta. — Do «Diario Illustrado» transcrevemos o seguinte:

A scena passa-se entre um rapazello enfatuado e uma senhora espirotoosa.

— «Creia, minha senhora, que nos documentos da conanana prova-se que os macacos foram nossos antepassados.

— «Acredito, porque vejo que ao senhor lhe ficou muitissimo ar de familia!..»

A ver se gosta. — Do nosso illustrado collega o «Correo da Tarde» transcrevemos o seguinte:

«O «Bracarense», jornal catholico-liberal, teima na sua, quanto á espontaneidade dos festejos reaes de Braga, e quanto a chamar ao «Futuro» «sectario das forças e do cacete». «O «Bracarense» bem sabe que não é assim, e que falta redondamente á verdade. «Deixemol-o porém n'essa teima. A cidade inteira sabe que o «Bracarense» é o «Bracarense»: «tratemos d'outro ponto. O órgão do liberalismo, «sectario» da liberdade liberasta (está dito tudo), «não devia fallar d'outro modo,» senão do modo insolente e mentiroso que costumam (empregar) os ingratos.»

Gosta collega? Nós não: e o «Bracarense» não nos tinha acostumado a isto; nem o «Futuro» lhe deu motivos para tanto furor, nem para a metade, por mais que teime e torne a teimar que é de pau e teinho dito, é de pau e bem bonito! Nada, por ali andam pretextos!.. O partido legitimista, que se suppunha morto, pelos modos não o está. Inde irac. E' ou não é isso collega? Dois jornaes legitimistas só em Braga — o «Futuro» e as «Novidades». E os mais lidos! E além d'isso, duas revistas religiosas que não são nem mostram tendencias para catholico-liberaes — a «União» e a «Estrella d'Alva». Irra! E' muito! Faz perder a paciencia, a um bracarense que se gaba de ter combatido contra o mignelismo, primeiro com as armas e depois com a pena desde 1832, por mais generoso e tolerante que elle seja. São rabujices dos vencidos, cuja tolerancia fica bem aos vencedores, não o negamos; mas isso é emquanto os vencidos são julgados mortos ou em profundo sono.

Parece-nos ter ouvido estas ultimas palavras, em voz muito baixinha, ao Redactor do «Bracarense». Em todo o caso, recom-

mandamol-o aos catholicos e legitimistas de Braga para as proximas eleições. Um catholico-liberal d'aquelle lote deve-lhe merecer inteira e plena confiança, não tem duvida.

Anecdota. — (Do Direito): Estavam, ba lias, dous sujeitos conversando acerca do jornalismo portuguez. — Dos periodicos actuaes (dizia um) o que melhor desempenha o seu titulo é o «Diario da Tarde». — Porque? perguntava o outro.

— Porque os seus artigos são quasi todos escriptos depois de jantar.

Resistencia. — (Idem) Parece que o prior d'Almada não queria de modo algum deixar repicar os sinos, em celebração d'um anniversario que recorda luctas fratricidas e renova antigos odios. Houve difficuldade em convencel-o, e já havia quem fallasse em usar da força. Viva a liberdade!

Conta-se tambem que o prior dos Anjos não quiz consentir que na torre da sua igreja se arvorasse a bandeira bipartida, e que foi arvorada por escalada. Que fachaça!

Maçoneria. — Lê-se no «Bem Publico»:

«A maçoneria no Brasil, mandando para Portugal bons contos de reis para de cá a ajudarem a fazer a guerra aos Jesuítas (lê-se Bispos e catholicos), excita por outro lado, nos artigos de seus jornaes mais avançados em liberalismo, o odio da população mais vil do imperio contra os portuguezes que estão correndo muito risco, assim no Pará como em Pernambuco e no Rio de Janeiro, por mais que o contrario mande para aqui dizer o nosso governo, lá sabe porque, e para que.»

REVISTA ESTRANGEIRA

Fortes, muito fortes devem ser os motivos, que obrigam D. Amadeu a permanecer em Hispanha sentado n'um throno, que por nenhum direito lhe pertence, com risco de vida.

O attentado de que foi alvo n'uma das principaes ruas de Madrid, apesar da continua e perseverante vigilancia da policia, deve mostrar-lhe claramente e á corte italiana, não só o odio que lhe votam todos os partidos, até o proprio que lhe offerceu a coroa, mas tambem o quanto elle, e a sua familia andam com suas vidas arriscadas d'ora avante.

E' de presumir que esta tentativa fosse do partido internacionalista, que nada respeita por julgar bons todos os meios, que directa ou indirectamente concorram para os fins, que tem em vista, o que a ser verdade, nos faz crer, que o infeliz principe ha-de continuar a ser o alvo d'outras tentativas até que seja victima.

Os espiritos estão n'uma tal excitação no visinho reino, que promettem breves successos d'uma feroz anarchia, e D. Amadeu commette uma grande imprudencia em affrontar orgulhoso o perigo, que de dia em dia mais o aperta terrivel e ameaçador; e tanto isto é verdade, que no mesmo dia e quasi á mesma hora, que em Madrid se attentava contra a vida de D. Amadeu e D. Maria Victoria, tentaram em Saragoga lançar logo ao quartel d'artilleria, onde o capitão general passou a maior parte da noite.

O estado da Hispanha é deploravel e calamitoso, porque a ninguém segura presentemente o socego individual.

O governo fraco em si, porque falto do apoio de muitos dos seus proprios partidarios, e conhecedor da sua breve ruina procura sustentar-se e prolongar a sua vida no poder por todos os modos possiveis e apesar de todas as contrariedades.

Mais inimigo de D. Amadeu, do que todos os outros partidos, procura sustentá-lo no throno por seu proprio interesse e para vêr se pôde evitar o triste fim, que o aguarda.

No meio d'este deploravel e tristissimo estado a Hispanha, prudente e boa, attenta esperanças na sublevação dos partidarios dedicados e energeticos da legitimidade, dos quaes só espera a consolidação da ordem e consequentemente da verdadeira prosperidade e progresso nacional.

E só os carlistas, porque respeitadores da religião catholica, que reverentes professam e veneram, podem fazer a verdadeira prosperidade e progresso da Hispanha, na qual para isso trabalham com as armas na mão corajosos e intrepidos, como provam as novas partidas, que se toem fozmente organizado n'estes ultimos dias, e das quaes muito se occupam preoccupados os proprios periodicos liberaes de lá.

Principiando pois a resenha do que se tem passado n'estes dias, dizemos que La Redencion del Pueblo de 21 affirma, que se realizou de novo o levantamento carlista n' aquella provincia (Reus), o qual como sempre succede em sublevações d'esta ordem, poucas partidas pôde organizar, porque apenas se tem noticia da de Roquetas,

que conta mais de cem homens, da qu'pernoitou em Selva, que conta de mais de 500, e a d'esta comarca, que esteve hontem em Aleixar, em numero de 140 homens.

La Reconquista affirma, que algumas cartas de Navarra dam como certo o levantamento de novas e importantes partidas carlistas n'aquele territorio, apezar de julgar prematuro este successo.

Este mesmo periodico publica duas cartas, que d'Oviedo lhe dirigiram, as quaes affirmam e asseveram que as partidas carlistas não só tem augmentado, mas tambem que sam em todos os povos bem tratadas e recebidas. Estas cartas asseveram tambem, que o partido republicano mui breve sahe a campo, não só porque tem a sua organização muito adelantada mas tambem porque conta com muitos guardas civis da pouca força que d'este corpo ha n' aquella cidade.

La Correspondencia diz: «As forças do brigadeiro Hidalgo, no ataque, que hontem deu á partida Saballs, tiveram um official caído, quatro feridos e quatro contusos.»

Huguel e Tiferer com 250 homens pernottaram em Susqueda, e saíram de manhã para S. Pedro d'Osors.»

Ante-hontem ás 6 de manhã entraram em Pons (Gerida) as partidas de Torres e Capredo, que saíram ás oito e meia vivamente perseguidas por uma columna da guarda civil.

El Clamor Publico diz: «A facção de Castells em força de 600 homens, estava hontem em Muxi.»

El Diario de Barcelona diz: «Segundo era hoje voz, hontem á noite esteve Saballs com a sua partida em Vilorta e Castells em S. Bartholomeu de Grau.»

Este mesmo periodico publica duas cartas que lhe dirigiram, uma de S. Celonie outra de Mayá, que affirmam andarem as tropas tam desconfiadas, que os aboletados exigem as chaves das portas aos donos das casas, e que os carlistas intimaram ás aucto-ridades sob pena de morte, que não declarassem ás forças do governo os movimentos que elles executam.

La Imprenta diz, que Saballs recebera dous canhões do novo systema, e que os seus soldados se andam exercitando no manejo d'elles.

El Avizor de Corunha diz, que os carlistas se sublevaram nas proximidades de Mondonhedo formando uma partida de bastante consideração, visto o movimento de tropas que se executou, pois saíram duas companhias d'artilheiros para Ferrol, onde artilharão a fortificação e dous navios surtos no porto.

Mas este periodico julga, que este movimento de tropas é devido mais ao medo d'uma proxima revolução socialista, do que ao receio das partidas.

As cartas publicadas pela Esperanza de 22 asseveram, não só que as partidas augmentam muito, mas tambem que se organizam perfectamente exercitando-se no manejo das armas do systema Remington, que receberam já, e pelas quaes trocaram o antigo armamento, que usavam á falta de outro melhor.

E' nosso parecer, que este silencio dos carlis na Navarra, e na Biscaya tem por fim algum breve e importante facto que não hade ser do agrado dos liberaes saboi-anos.

O Diario de Reus dá as seguintes noticias:

Por Villaverd divagam as partidas de Sanz e Cendros e entrón hontem em Selva uma partida carlista de 700 homens.

O Echo diz, que Rozas entrou em Vecilla (Leon), causando uma verdadeira surpresa aos habitantes. E' provavel que tirasse armas e recursos, porque como cabeça de partido tem aquelle povo alguma importancia.

De S. Sebastian em 17 escreveram á Esperanza a seguinte carta:

«Meu snr. — voltam a apresentar-se em campo as partidas nas provincias. Eis as palavras textuaes d'uma pessoa mui chegada ao general Moriones por lagos d'intima amizade, e que hontem vinha comigo no trem.»

Em Alsasua ou sitio proximo segundo manifestação d'um chefe da linha, pediram os carlistas 420 ragueos.

Em Marcella foi vista por viajantes, que alli passaram esta manhã uma forte partida carlista perfectamente armada e a pouca distancia da via ferrea Já V. sabe, que Marcella está proxima de Cartegon na margem do Ebro.

Mais alguma coisa podia dizer-lhe do muito que tenho ouvido aqui e durante a viagem, mas não quero aventurar noticias, que precisam de confirmação.

El Pensamiento Español publica uma carta que de Manreza lhe dirigiram com data de 20 e cujo texto é: «Pego na pena para lhe noticiar a entrada dos carlistas n'esta cidade.»

«A's 6 horas da manhã entraram aqui pela rua do Born em numero de 600 os homens commandados por D. Juan Castells, os quaes a ninguém offenderam nem molestaram.»

«A's 8 entrou D. Rafael Tristany com mais de mil homens pelo arrabalde de Santo André, que se alojaram pelas casas com

muita alegria e contentamento. Fecharam-se todas as fabricas para os operarios...

La Iberia diz o seguinte: «Continuam cada vez mais animados os carlistas na Catalunha...

El Echo d'España de 22, diz que uma partida de 300 homens commandada por Altimira, Pau, Serrat e Galeceram saira...

El Imparcial: «Em Arzúa (Corunha) levantou-se uma partida de 20 a 30 homens...

«Os movimentos das tropas impediram a reunião, que projectavam fazer entre si as partidas carlistas...

As cartas publicadas na Esperanza de 23 sam unanimes em dar a sublevação em grande augmento e organização militar...

Esta mesma carta diz, que Rosas e Gordito entraram em Vecilla, onde tiraram das prisões todos os prezos politicos...

El Combate diz, que no dia 22 tivera lugar em a Navarra um combate entre a tropa e uma partida...

Uma carta dirigida da Catalunha á Regeneracion diz, que houvera outro combate entre carlistas e amadeistas em Miralles...

A guerra civil, que já sustentou com os húngaros, devia-lhe ser lição proveitosa tanto em politica como principalmente em religião...

Isto porém nada importa aos politicos modernos, que orgulhosos, soberbos e loquepletados á custa dos escravizados povos...

El Combate falando de D. Amadeu faz estas perguntas: «Será verdade o dizer-se que D. Amadeu teve de sair de Burgos a toda a pressa?»

«Será verdade o terem-no corrido ás pedradas?» «E a estas accrescenta a Esperanza a seguinte: «Que succedeu na estação de Medina del Campo?»

Uma carta escripta em Girona por um liberal a um periodico radical de Barcelona confirma a victoria por Saballs alcançada sobre Hidalgo, a respeito da qual diz o seguinte:

«Hoje de manhã entraram alguns feridos do combate, que teve lugar na alta montanha entre uma forte partida carlista e uma das columnas de tropa...

«Affirma-se, que se ouve fogo para os lados da montanha até Susqueda; talvez seja com a columna, que hontem d'aqui sahira de madrugada, por ter-se encontrado com os carlistas.»

A Esperanza publica uma carta, que de Osor com data de 20 lhe dirigi o correspondente e cujo conteúdo é: «Hontem travou-se em Pla de San un combate sobre Tabartel (cabego inacessivel)...

«A noite dizia-se tambem aqui, que de Girona saiu outra columna para auxiliar a de Sau a qual, quando chegou a Susqueda, deparára com Huguet, com cuja partida tambem affirmam, travou combate, que durou algum tempo: desde Osor porém deixaram d'ouvir-se os tiros ás cinco e meia horas.»

«Passemos agora a analysar os successos dos outros paizes, que não estão menos enfermos que a infeliz Hispanha, e dos quaes o primeiro que se nos offerece em contemplação, é por sem duvida o novo imperio, que se formou com a derrota da França em Sadova.»

O orgulhoso e soberbo chanceller do novo imperio prussiano, que logo depois de ter vencido a infeliz França principiou de perseguir e combater a Igreja Catholica nos seus bispos e demais clero, pertende hoje, como principe invencivel, que se reputa, proclamar-se tambem pontifice infallivel...

A lei da expulsão dos jesuitas, já promulgada, principia d'executar-se em todo o imperio muito contra vontade dos particulares.

As provincias rhenanas tem a supradita lei não só como uma grande iniquidade mas tambem como uma enorme injuria pessoal, e os Souabios não tem sarcasmos bastantes para reprová-la e stigmatizá-la devidamente esta obra prima da legislação liberal que parece parto das intelligencias dos mandarinis do celeste imperio.

Terá Deus contado os dias de vida d'este novo imperio? Assim parece, e nós em verdade estamos crentes em que a Rocha contra a qual Bismark assentou os seus fragreiros arietes, hade ser a que derrube e aniquille brevemente o novo colosso de pés d'areia d'este seculo.

Ruge-lhe á porta o inimigo encarniado e ribumbante em casa a tormenta, que sam evidentes signaes de que elle não póde por muito tempo viver impune, como imagina e quer.

E tanto isto é verdade, que já a officialidade de exercito, por ordem do novo principe, missiona os soldados dando-lhe o poder de prender todo o individuo, que maldisser do governo; pois que um official da 113.ª de linha recitou á sua companhia o seguinte: «Succedeu uma desintelligencia entre o clero e o governo. Os soldados não se devem occupar com isto. Devem só ficar avisados, que por causa d'isto podreão ouvir alguns discursos contra a dignidade do imperio, e n'este caso, e porque o clero já n'este fim trabalha, fica todo o soldado autorizado a prender toda a pessoa, que fallar contra o governo.»

A Austria segue este mesmo rumo, que lhe ha-de ser fatal e calamitoso; pois que indeferiu a petição dos catholicos relativa á questão do ensino obrigatorio. Isto hade ser a causa da divisão e ruina do imperio, se a tempo não mudarem do rumo, que hoje leva.

ter o premio de haver contra todas as leis invadido Roma, roubando-a ao seu legitimo domno. S. Santidade continúa recebendo diariamente milhares de catholicos, que o procuram fruinto saude, apezar de torturado pelos ultrages dos impios, cuja guerra contra a Igreja é de dia em dia mais horrorosa e terrivel.

EXPEDIENTE

Estão authorizados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes: Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares. No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho. Em Vianna, o illm.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Lamego, o illm.º snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco. Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

AGRADECIMENTO

João Antonio d'Oliveira Cardoso, natural de Guimarães, e ao presente n'esta cidade de Braga, na impossibilidade de o fazer por agora pessoalmente, agradece de este modo a todos os ill.ºs e ex.ºs snrs. e sr.ªs, que durante a sua enfermidade tanto se interessaram pelo seu restabelecimento, e a todos protesta eterno reconhecimento e gratidão.

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

No dia 3 do proximo mez de agosto, pelas 9 horas da manhã, ás portas das casas da morada do meretissimo juiz de direito d'esta comarca, sitas na Rua Nova d'esta villa, n.º 49 se tem de proceder á arrematacao de uma morada de casas sobradadas com cocheira e diferentes apozentos terros, sitas no largo do Pelourinho, da Povoia de Varzim, que tudo confronta do norte com cangosta, nascente com a Praça Nova, poente com o largo do Pelourinho, e do sul com a rua, avaliadas na quantia de 4.276\$800 reis, a cuja arrematacao se procede em execucao promovida por Antonio Ribeiro de Castro contra Antonio Maria de Souza Queiroz e mulher da Povoia de Varzim.

Villa do Conde 19 de julho de 1872. O solicitador Luiz José de Freitas Velloso Junior. (74)



Francisco José de Paiva, rua de Santo Antonio das Travessas n.º 18, participa aos mestres e amadores de musica, que acaba de receber um bom sortimento de instrumentos de metal e madeira, dos melhores auctores estrangeiros, e recebeu bom sortido de cordas para os instrumentos, assim como muita musica impressa para piano e canto. (72)

MODISTA.

Acha-se n'esta cidade uma modista, vinda de Lisboa, que faz chapéus, vestidos e mais objectos pertencentes a senhoras. Quem quizer utilisar-se do seu prestimo póde dirigir-se á rua dos Falcões n.º 3. (72)



COMPANHIA DE NAVEGACAO A VAPOR DO PACIFICO

Paquetes a sahir de Lisboa em direitura ao Rio de Janeiro. LUSYTANIA a 4 de Junho—CUZCO a 19 de Junho—MAGELAN a 3 de Julho. Para tratar na rua da Boa Vista n.º 1 em Braga. (71)

PUBLICACOES LITTERARIAS

Sermão celebrando o faustissimo dia do XXVI anniversario da gloriosa coroação de N. S. S. Padre Pio IX, o Grande, pregado na parochial igreja de Nossa Senhora dos Martyres em Lisboa, pelo padre Joaquim da Silva Serrano Prior de Bellas.

Vende-se n'esta cidade na Livraria Catholica por 100 rs., e 405 sendo remittido pelo correio.

Thesouro Mystico, pelo padre missionario João Manoel de Souza Teixeira. Vende-se na Livraria Catholica por 240.

Livros em segunda mão á venda na Livraria Catholica, Rua do Souto e na Livraria d'Eugenio Chardron, Largo dos Terceiros—Braga.

Antoine (G.) — Compendium Theologiae moralis universae, 1802. 2 vol. enc. 500

Beltrão (J. D.) — Breve tratado da actual disciplina da Igreja Lusitana, 1817. 1 vol. 4.º 300

Benedicti XIX (S. D. N.) — Constitutiones selectae, nec non bullae, decreta, epistolae, etc. Parochialis, confessoris etc., 1784. 2 vol. 4.º gr. enc. n.º 720

Benedicti XIX (Pastoral de N. SS. Padre), de gloriosa memoria, siendo cardinal arzobispo de la Santa Iglesia de Bulonica, e instrucciones ecclesiasticas para su diocesi; traducidas del toscano por el R. P. Fr. Facundo Raulin, 1773, 2 vol. 4.º enc. 800

Benedicti XIX (S. D. N.) — De synodo diocesana, 1773. 2.º 4.º gr. enc. 800

Bergier — Dictionnaire de theologie morale, édition augmentée du plan de la theologie, 1838. 4 vol. 4.º enc. 2.400

Berardi. (C. S.) — Decretalium professoris commentaria in jus ecclesiasticum universum, 1789. 2 vol. 4.º gr. enc. 800

Cavallario — Institutionis juris canonici, ac sex tomos distributae, 1796. 6 vol. 4.º enc. 12.000

Defensor (O) da religião — em paléstras religiosas, em soccorro dos R. R. Parochos, com homilias para todos os domingos, em disputas com incredulos, motivo e origem d'estas disputas. Catecismo Catholico pelo Defensor da religião, 1837-1840. 14 vol. 4.º enc. em 7 vol. 2.500

Garrett — A dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo segundo as meditações de C. A. Eminench, 1842. 1 vol. 4.º enc. 400

Gomes (V.) — A biblia da natureza ou a religião Catholica demonstrada pela natureza e razão, 1856. 1 vol. 4.º 300

Le Febvre — A unica religião verdadeira demonstrada contra os atheos, deistas, e todos os sectarios. Trad. por Angelo dos Santos, 1781. 1 vol. 8.º enc. 250

Pape (Du) — par l'auteur des considerations sur la France, 1819. 2 vol. 4.º enc. 500

Royumont — Historia Sagrada do velho e Novo testamento, com explicações e doutrinas dos SS. Padres; — trad. por L. P. da Silva ed. 1791. 2 vol. 8.º enc. 400

Salameo M. Gelabert. — Regula clerici, sex sacris litteris sanctorum patrum monumentis, ecclesiasticis que sanctionibus excerpta, 1829. 1 vol. 8.º enc. 360

Serafim da Conceição (Fr.) — Novo confessor instruido na pratica do confessorario; doutrina extrahida da escriptura, Concilios, santos Padres etc. 1814. 4 vol. 8.º enc. 800

S. Luiz (A.) — Mestre de ceremonias, que ensina o rito romano, e serafico aos religiosos da reformada, e real provincia da Immaculada Conceição, 1780. 1 vol. f.º enc. 1.440

Thomas dos Reis (A.) — Methodo da liturgia Bracharense em que se expõem fundamentalmente e com clareza o modo de celebrar com a devida perfeição o Sacrosanto

sacrificio da Missa assim rezada, como cantada etc., 1837. 1. vol. 4.º gr. 500

Villa do Conde Carneiro. (Fr. Franc.) — Dissertação theologica e canonica, em que se mostra serem devidas por diferentes principios as oblações, 1794. 1 vol. 8.º enc. 200

Araujo — Cursus theologici 1734 2.º vol. f.º enc. 1.000

Azevedo — Discursos morales en las fiestas de la Reina del cielo nuestra Señora. 1602. 1 vol. f.º enc. 800

Berti — Opus de theologicis disciplinis. 1760. 7 vol. f.º enc. 3.º 2.000

Calmet — Prolegomena e dissertationes Sacrae scripturae. 1734 2 vol. f.º enc. 1.200

Ceremonial — monastio reformado da congregação de S. Bento de Portugal 1820 1 vol. f.º enc. 2.000

Conceição. (Mel. da) — Ceremonial serafico e romano para toda a ordem Franciscana, 1730. 2 vol. f.º enc. 1.º 2.000

Constituições synodales do Bispado do Porto, novamente feitas e ordenadas por D. João de Souza, 1690. 1 vol. f.º enc. 1.500

Du Hamel — Biblia sacra. vulgatae editionis 1748. 2 vol. f.º enc. 2.000

Hugonis de S. Choro — Opera omnia in universum vetus et novum testamentum 1703. 8 vol. f.º enc. 4.000

Le Blanc — Psalmorum davidicorum analisis, 1726. 6 vol. f.º enc. 3.000

Nogueira — Expositio Bullae cruciativae lusitanae, 1716. 1 vol. f.º enc. 600

Reiffenstuel — Theologia moralis brevis, clasicae methodo comprehensa, 1758. 2 vol. f.º enc. 1.º 600

Roncagliu — Universa moralis theologia qua non solum principia & ad usum confessoriorum, 1736. 2 vol. f.º enc. 1.º 600

Salmanticensis — Cursus theologiae moralis, 1734. 6 vol. f.º enc. em 3 vol. 2.400

Thomassin — Vetus et nova ecclesiae disciplina circa beneficia et beneficiarios, 1730. 3 vol. f.º enc. 2.000

Vieira (F.) — Voz evangelica que nos mudos os caracteres etc. 1708. 1 vol. f.º enc. 1.000

Discurso pronunciado no Congresso Catholico na cidade da Virgem por Alfredo de Barros Pinto Orosio, estudante do 3.º anno juridico na Universidade de Coimbra.

Vende-se nas livrarias Catholicas do Porto e Braga por 100 reis.

A Prophecia d'Orval, ultimamente tão celebrada e vertida em todas as linguas, faz parte d'um pequeno volume de Prophecias que se acha á venda na Livraria Catholica, Braga, rua do Souto 39—Porto, Praça de D. Pedro 131—Lisboa, rua nova d'El-rei 75, por 200 rs.

Quem quizer possuir com este volume de Prophecias a Historia do Anti-Christo tem que mandar mais 100 reis.

Nas mesmas livrarias se encontra á venda o Mez do Sagrado Coração de Jesus por 200 reis.

Photographias de Pio IX com a sua biographia, vindas directamente de Roma, 100 rs., pequeninas photographias a 40 reis. (64)

ACAFATE EUCHARISTICO

O MEZ DE JUNHO

CONSGRADO AO AUGUSTO MYSTERIO DO ALTAR

PELO

Padre José Maria Vieira da Rocha

Vende-se na Livraria Catholica rua do Souto.

Preço 240 reis.

VOZES PROPHETICAS ou aparições e predições, tiradas principalmente dos Annaes da Igreja, a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos; pelo padre M. Ourique.

Vertidas da lingua franceza por M. F. M. e Souza.

Vendem-se por 250 na Livraria Catholica e na livraria de E. Chardron.

Vida do Nosso SS. Padre Pio IX

POR M. VENET.

VERSÃO POR M. F. M. e Souza.

Vende-se por 600 reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardron.

EDITOR M. J. V. da Rocha.